



1. Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

VANGUARDA E CONTRACULTURA NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO

AVANT-GARDE AND COUNTERCULTURE ON CONSTRUCTION OF SPACE

Felipe Palmer Caldeira Parreiras de Faria¹

Resumo

O objetivo do artigo é analisar as influências teóricas e práticas de grupos contraculturais e de vanguarda na percepção e construção do espaço urbano e arquitetônico. Uma análise comparativa foi feita utilizando conceitos como a construção de situações e a teoria do Urbanismo Unitário da Internacional Situacionista e a Zona Autônoma Temporária de Hakim Bey, em contraste a modelos de planejamento urbano e concepção arquitetônica rígidos e obsoletos do ponto de vista da criatividade do usuário.

Palavras-chave: Vanguarda. Contracultura. Espaço. Urbanismo Unitário. Zona Autônoma Temporária.

Abstract

The aim of this paper is to analyze theoretic and practical influences of counterculture and avant-garde groups on the perception and construction of architectural and urban spaces. A comparative analysis was conducted using concepts as the construction of situations and the Unitary Urbanism theory by the Situationist International and Temporary Autonomous Zone by Hakim Bey, in contrast to rigid and obsolete urban planning models and architecture conceptions from the point of view of users' creativity.

Key words: Avant-garde. Counterculture. Space. Unitary Urbanism. Temporary Autonomous Zone.

É conhecida a vasta produção teórica do grupo intitulado Internacional Situacionista no campo da percepção do ambiente urbano. A IS foi fundada em 1957 pela fusão de alguns grupos da vanguarda artística europeia como a Internacional Letrista², a Associação Psicogeográfica de Londres³ e o Movimento Internacional por uma Bauhaus Imaginista⁴. Com um histórico de frequentes expulsões de integrantes, em 1962 dividiu-se em duas, transformando-se na Segunda Internacional Situacionista, representada por Nash, e a Internacional (Specto-)Situacionista⁵, liderada por Guy Debord. Esta última é a mais reconhecida por sua produção teórica e como sendo o grupo original.

Baseando-se nas ideias formuladas por Guy Debord em seu livro "A Sociedade do Espetáculo", a Internacional Situacionista posicionava-se contra a espetacularização da vida cotidiana e das cidades, esta provocada principalmente por congelamento (cidade-museu e excessiva patrimonialização) e por difusão (cidade-genérica e urbanização generalizada): (JACQUES, 2003, p.13)

Enquanto hoje as próprias cidades se oferecem como um lamentável espetáculo, um anexo de museus para turistas que passeiam em ônibus envidraçados, o Urbanismo Unitário vê o meio urbano como terreno de um jogo do qual se participa. (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 1959/2003, p.102-103)

O Urbanismo Unitário surgiu como uma crítica ao urbanismo, considerado uma ideologia cujo produto é a arquitetura. Os Situacionistas posicionavam-se contra o urbanismo imposto por planejadores e defendiam a construção coletiva e ativa das cidades por seus habitantes, alegando que:

Se o planejador não pode conhecer as motivações comportamentais daqueles a quem ele vai proporcionar moradia nas melhores condições de equilíbrio nervoso, mais vale integrar desde já o urbanismo no centro de pesquisas criminológicas. (VANEIGEM, 1961/2003, p.153)

Se os nazistas tivessem conhecido os urbanistas contemporâneos, teriam transformado os campos de concentração em conjuntos habitacionais. (VANEIGEM, 1961/2003, p.154)

Apesar de o Urbanismo Unitário se posicionar contra o funcionalismo (contra a setorização do espaço de acordo com suas funções e, por isso, "unitário"), ideia principal defendida na Carta de Atenas⁶, ele não pretendia ser "uma doutrina do urbanismo, mas uma crítica ao urbanismo." (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 1959/2003, p.100) Exatamente por isso, os Situacionistas não apresentaram modelos ou projetos concretos que pudessem exemplificar o conceito⁷, mas propunham a experimentação e apreensão efêmera do espaço nas cidades, mudando a relação entre as pessoas e os lugares que habitam e frequentam.

A noção primitiva do urbanismo atual como organização de prédios e de espaços de acordo com princípios estéticos e utilitários deverá ser superada por uma noção do habitat como cenário para a vida integral, como criação coletiva. (ALBERTS et al., 1959/2003, p.111)

Ao contrário do que Le Corbusier defendia ao dizer "Arquitetura ou revolução. Podemos evitar a revolução", a IS buscava exata-

2. A Internacional Letrista foi fundada em 1952 em Paris por um grupo dissidente do Movimento Letrista, este criado por Isidore Isou em 1946. A IL desenvolveu as ideias principais da Internacional Situacionista, como a deriva e a psicogeografia, e já contava com Guy Debord entre seus membros.

3. Segundo Home (1999, p.34), a Associação Psicogeográfica de Londres foi fundada por Ralph Rumney apenas para se juntar à IS e "aumentar o internacionalismo do evento."

4. O Movimento Internacional por uma Bauhaus Imaginista (MIBI) foi fundado em 1953 por Asger Jorn posicionando-se contra a reestruturação da Bauhaus proposta por Max Bill, que, nas palavras de Jorn "deseja fazer uma academia sem pintura, sem pesquisa de imaginação, fantasia, signo e símbolos - quer apenas instrução técnica" (citado por Home, 1999, p.43) Representou uma continuação do COBRA, formado em 1948 e que tinha como base a crítica ao Surrealismo. Seu nome é formado pelas iniciais de Copenhague, Bruxelas e Amsterdã, países de seus membros fundadores, entre eles o próprio Asger Jorn, Christian Dotremont e Constant Nieuwenhuis.

5. O termo é usado por Home (1999, p.71) para diferenciar a Internacional liderada por Debord do grupo original. A palavra "specto" refere-se à teoria do espetáculo proposta por Debord. A diferenciação dos grupos não se faz necessária na análise proposta por esse artigo.

6. A Carta de Atenas discorria sobre os debates ocorridos no 4º Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM IV, 1933) relacionados à Cidade Funcional. A Carta foi publicada em 1943 com o apoio de um dos maiores expoentes do Modernismo na Arquitetura, Le Corbusier.

7. Constant foi o único membro da Internacional que desenvolveu um modelo de cidade, conhecida como Nova Babilônia. Foi expulso do grupo em 1960 por ser uma proposta com intenção semelhante à dos urbanistas "tradicionais"; paradoxal com a ideia de uma cidade criada integralmente pela participação ativa e coletiva de seus próprios habitantes. Trabalhou no projeto de 1959 a 1974 e ainda participou do grupo de contracultura Provos. A própria Internacional Letrista (1955) publicou o "Plan for rational improvements to the city of Paris" no boletim Potlatch nº23, em que havia algumas propostas, como manter o metrô e os jardins públicos abertos durante a noite, a instalação de interruptores na iluminação pública e a abertura de prisões para visitas turísticas.

Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, v.18, n.22, 1º sem. 2011

mente provocar essa revolução (primeiramente cotidiana, depois política) utilizando a participação das pessoas na arquitetura e no ambiente urbano, contra a alienação e a passividade causadas pelo "espetáculo":

Apesar de afirmarem que o problema da arquitetura era a excessiva preocupação formal em detrimento do cuidado com os efeitos sobre seus usuários, os Situacionistas reconheciam que *"a arquitetura é o meio mais simples de articular tempo e espaço, de modular a realidade, de fazer sonhar"*. (IVAIN, 1958/2003, p.68) A proposta situacionista era, então, a criação de complexos arquitetônicos passíveis de modificação, com uma abordagem mais lúdica e experimental:

Não prolongaremos as civilizações mecanizadas e a arquitetura fria que levam, afinal, aos lazeres maçantes. Nossa proposta é inventar novos cenários moventes. (IVAIN, 1958/2003, p.68)

A Internacional Situacionista também se mostrou avessa à ideia que se tinha dos automóveis individuais como simples meios de transporte e suplementos do trabalho e queriam promover o trânsito como lazer. Criticavam, ainda, os automóveis como elemento central no projeto das cidades e eram a favor da proibição de seu uso em alguns lugares. Segundo eles, a arquitetura deveria ser feita considerando não apenas *"a existência atual, maciça e parasitária dos carros individuais"* (DEBORD, 1959/2003, p. 112), mas levando em conta todo o movimento e formas de deslocamento das pessoas.

Como pode-se inferir do nome Situacionista, os integrantes do movimento defendiam a construção de situações contra o espetáculo e contra a banalidade do cotidiano, provocando sua revolução:

A construção de situações começa com o desmoronamento moderno da noção de espetáculo. É fácil ver a que ponto está ligado à alienação do velho mundo o princípio característico do espetáculo: a não-participação." (DEBORD, 1957/2003, p.57)

Uma situação construída é definida como um *"momento da vida, concreta e deliberadamente construído pela organização coletiva de uma ambiência unitária e de um jogo de acontecimentos."* (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 1958/2003, p.65)

Uma das práticas desenvolvidas para a experimentação do espaço urbano, contribuindo para a construção de situações, é a deriva como *"técnica de passagem rápida por ambiências variadas"* (DEBORD, 1958/2003, p.87). A deriva é caracterizada pelo deslocamento sem caminhos ou destinos determinados num espaço urbano, desde uma cidade inteira até um único quarteirão, seguindo apenas os trajetos fisicamente possíveis no ambiente escolhido e o acaso. Por requerer um certo comportamento lúdico e a participação consciente na atividade, a deriva se diferencia da ideia de passeio ou turismo:

Assim, o modo de vida pouco coerente, e até certas brincadeiras consideradas duvidosas, que sempre foram muito apreciadas por nosso grupo - como, por exemplo, entrar de noite em prédios em demolição, zanzar de caro-

na por Paris em dia de greve de transportes, pedindo para ir a um ponto qualquer no intuito de aumentar a confusão, perambular pelos subterrâneos das catacumbas cuja entrada é proibida ao público - são decorrentes de um sentimento mais geral que corresponde exatamente ao sentimento da deriva. (DEBORD, 1958/2003, p.90)

A deriva poderia ser praticada sozinha ou em grupos de até aproximadamente cinco pessoas, ou correria o risco de se fragmentar em várias derivas efetuadas ao mesmo tempo. A duração da deriva não era determinada e poderia se estender de acordo com a vontade de seus participantes, limitados apenas por condições climáticas e a necessidade de dormir.

Essas explorações espaciais eram, segundo Jorn, “a ficção científica do urbanismo” (KHATIB, 1958/2003, p.80), ou seja, um meio de experimentar a teoria do Urbanismo Unitário. Combinadas ao estudo de fotos aéreas, mapas e pesquisas sociológicas, as derivas tinham como resultado a psicogeografia:

O estudo das leis exatas e dos efeitos precisos do meio geográfico, planejado conscientemente ou não, que age diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos. (KHATIB, 1958/2003, p.80)

O conceito se aplica tanto aos sentimentos provocados por um determinado ambiente, quanto ao comportamento que o indivíduo apresenta conforme o local onde se encontra. A psicogeografia permite a divisão de uma área urbana em várias partes menores de acordo com o sentimento causado em seu experimentador no momento de sua passagem pelo lugar. Os Situcionistas chegaram até mesmo a propor a construção de mapas e relatórios psicogeográficos de algumas regiões, como o bairro Les Halles, em Paris. (KHATIB, 1958/2003)

Em Nova York, o grupo Fluxus, nome dado em 1961 para uma revista que representaria o movimento mais tarde, apresentava happenings e performances que se encaixariam na ideia de construção de situações e na exploração e apropriação de espaços públicos da IS. Misturando elementos presentes nas artes visuais e na música, o grupo criou performances nas quais a plateia se confundia com os próprios idealizadores da obra. Através de regras simples, qualquer pessoa poderia participar dos eventos, como citado por Stewart Home (1999, p.86) na performance “Em memória de Adriano Olivetti”, criada por George Maciunas:

Cada performer escolhe um número num papel usado de máquina de calcular. O performer atua toda vez que o seu número aparece numa linha. Cada linha indica o ritmo do metrônomo. Exemplo de ações que podem acontecer em cada aparição do número:

- 1- levantar e abaixar de chapéus;*
- 2- sons com a boca, os lábios ou a língua;*
- 3- abrir e fechar de guarda-chuvas, etc.*

É fácil perceber que as ideias do Fluxus muitas vezes se assemelhavam às dos Situcionistas, como mostra Home (1999, p.94) na introdução do livro “Fantastic Architecture”, escrita por Wolf Vostell:

A ênfase de todos os trabalhos neste livro está na mudança, ou seja, na expansão de ambientes físicos, sensibilidades, mídias, através do distúrbio do familiar.

Ação é arquitetura!

Tudo é arquitetura!

Uma nova vida. O porta-aviões de Hollein usado como uma cidade para 30 mil habitantes, a alteração do Tâmisia proposta por Oldenburg, minha superestrada como uma catedral – são todas utopias, contendo uma visualização mais ampla do pensamento contemporâneo do que a arquitetura repressiva da burocracia e do luxo, que impõem restrições às pessoas. Tudo é proibido.

Um grupo atual que dá continuidade a um pensamento semelhante ao do Fluxus é o ImprovEverywhere. Criado em 2001 por Charlie Todd e baseado em Nova York, o grupo executa performances de caráter cômico e semelhantes a *flash mobs*⁸. Em uma de suas mais famosas missões, como são conhecidas suas performances, mais de 200 pessoas pararam completamente de se mexer durante exatos 5 minutos na Grand Central Station do metrô de Nova York (IMPROVEVERYWHERE, 2008).

Além de causarem um certo desconforto e criarem discussões acerca dos acontecimentos, grupos como o Fluxus e o ImprovEverywhere convidam as pessoas a participar de suas atividades e criam uma nova percepção do espaço urbano, resgatando os princípios de participação ativa na criação de situações defendido pela Internacional Situacionista.

Em seu livro “TAZ - Zona Autônoma Temporária”, Hakim Bey (2001) propõe a existência de zonas espaço-temporais que dependem fortemente do situacionismo como prática. Bey não define diretamente como deve ser uma TAZ (do inglês *temporary autonomous zone*) para evitar dogmas e qualquer tipo de limitação quanto ao seu surgimento, mas cita alguns exemplos que contribuem para sua compreensão: “reuniões tribais” da década de 60, conferências anarquistas, casas noturnas, banquetes e outras *situações* em que a autonomia e participação de seus integrantes atingem um grau máximo:

Quanto ao futuro, apenas o autônomo pode planejar a autonomia, organizar-se para ela, criá-la. É uma ação conduzida por esforço próprio.

Para Bey, o surgimento das TAZ tornou-se necessário após o “fechamento do mapa”, ou seja, o desaparecimento de espaços vazios, terra incógnita no planeta, condição atingida em 1899 quando o último pedaço de terra “livre” foi reivindicado por uma nação.

No lugar de uma oposição direta ao Estado, como propunham os Situacionistas, o autor sugere uma tática de desaparecimento, de estar além do controle de qualquer instituição, onde as pessoas podem desenvolver ao máximo o potencial de suas vidas, “o único ‘lugar’ e ‘tempo’ possível para a arte acontecer como mero prazer do jogo criativo”.

Além de o autor partilhar com a Internacional Situacionista a ideia de espetáculo, pode-se perceber uma relação entre a reputação

8. Uma *flash mob* se caracteriza por um aglomerado de pessoas realizando uma ação qualquer previamente combinada. Consegue atrair a atenção do público desavisado e desaparece tão rapidamente quanto surgiu.

dos urbanistas para a IS e a mídia para Bey como “pretensos gerentes do nosso lazer”:

A mídia nos convida a “celebrar os momentos da nossa vida” com a unificação espúria entre mercadoria e espetáculo, o famoso não-evento da representação pura. Em resposta a tamanha obscenidade, nós temos, por um lado, o espectro da recusa e, por outro, a emergência de uma cultura festiva distanciada ou mesmo escondida dos pretensos gerentes do nosso lazer.

Apesar de Bey defender que a TAZ deve ser compreendida quando vivenciada de fato, podemos percebê-la em vários acontecimentos que permeiam a existência tanto de grupos como a Internacional Situacionista e sua construção de situações e o Fluxus com suas performances, quanto em episódios dos grupos descritos a seguir.

Ativos tão intensamente como a Internacional Situacionista, mas com atividades mais perceptíveis no ambiente urbano, os Provos⁹ são uma parte significativa da história de Amsterdam, apresentando influência até mesmo na legalização da maconha e da prostituição.

Conforme Matteo Guarnaccia (2001) descreve em seu livro “Provos - Amsterdam e o nascimento da contracultura”, o movimento era “um grupinho de visionários composto por artistas da vanguarda, magos, vândalos, ex-situacionistas, estudantes desocupados, anarquistas, gente à toa e piromaniacos” (p.14), definido como “um estado de espírito, não é um partido, não tem comitês centrais, não é um clube particular, não tem líderes.” (p.103)

O nome “Provo” (de provocador) aparece pela primeira vez em um estudo sobre as gangues juvenis da Holanda¹⁰, mas é rapidamente adotado pelos jovens que queriam “provocar as autoridades, o Estado, a propriedade privada, os grandes magnatas cheios de poder, o militarismo e a bomba.” (GUARNACCIA, 2001, p.65)

O grupo se formou durante os happenings promovidos por Robert Jasper Grootveld na praça Spui, aos pé da estátua de um *Lieverdje* (“moleque de rua”), batizado de “monumento ao insaciável consumidor de amanhã” (GUARNACCIA, 2001, p.51), por ter sido presenteada à cidade por uma indústria de cigarros, a Hunter Tobacco Company.

Na década de 1960, os happenings foram um elemento essencial para o desenvolvimento da cena artística e social de muitas cidades como Amsterdam. Não apresentavam limitações práticas ou teóricas e surgiram em 1959 em Nova York, pela necessidade de entreter os espectadores e o público interessado em arte. Como explica Allan Kaprow, citado por Guarnaccia (2001, p.30):

O espaço das galerias já não me satisfazia. Pensei que seria muito mais interessante se eu conseguisse sair da galeria e fazer flutuar o ambiente que havia criado na vida de todos os dias de modo a eliminar todo tipo de divisão.

Também citado por Guarnaccia (2001, p.32) Simon Vinkenoog vai além e se arrisca a escrever uma lista com os dez mandamentos do happening:

9. A IS acusava os Provos de serem reformistas do cotidiano que “agindo apenas no específico, acabam aceitando a totalidade.” Diziam ainda que aceitavam o que o “espetáculo” os oferecia e recomendava que abandonassem seus líderes. (Panfleto “Da miséria da vida estudantil”, citado por Guarnaccia, 2001, p.139)

10. Intitulado “Causas do comportamento dos jovens difíceis”, por Wouter Buikhuisen, 1965, Faculdade de Sociologia da Universidade de Utrecht. (GUARNACCIA, 2001, p.65)

- 1- *O happening não é arte, a arte é um happening.*
- 2- *Pode acontecer a você também.*
- 3- *Está acontecendo aqui e agora.*
- 4- *O happening responde a todas as perguntas!*
- 5- *O happening responde a todo desejo seu.*
- 6- *Toda palavra é um happening.*
- 7- *Toda pessoa é um happening.*
- 8- *Aconteça agora, seja humano!*
- 9- *As pessoas são um happening bem aceito.*
- 10- *Torne-se um happening respondendo imediatamente à pergunta: O QUE É UM HAPPENING?*

Não é difícil estabelecer semelhanças entre a criação de situações da IS, a TAZ de Hakim Bey e os happenings, e é exatamente esse caráter participativo e inovador que atraiu os jovens de Amsterdam à praça Spui todo sábado à noite para assistir às extravagâncias de Grootveld:

Os happenings de sábado à noite são verdadeiras sessões terapêuticas selvagens e de massa, que modificam inexoravelmente a percepção da realidade, um processo criativo capaz de desenvolver uma consciência coletiva. Um modelo de desprogramação social. (GUARNACCIA, 2001, p.54)

Apesar de merecerem o nome que carregavam¹¹ e estarem em constante perseguição pela polícia, os Provos tinham como estratégia provocar o governo e ao mesmo tempo propor mudanças concretas na sociedade, ou seja, mostravam o problema e propunham uma solução. Desenvolveram uma série de planos para a cidade, os Planos Brancos¹², e conseguiram até mesmo uma cadeira na Câmara de Vereadores através de eleições.

Alguns dos planos desenvolvidos eram o Plano das Chaminés Brancas, que previa limites e multas para o despejo de substâncias poluentes na atmosfera; o Plano das Moradias Brancas, para controle da especulação imobiliária e resolução de problemas habitacionais; e o plano mais conhecido e influente, o Plano das Bicicletas Brancas.

Esse Plano propunha a proibição do trânsito de carros no centro de Amsterdam e estabelecia o uso coletivo e gratuito de bicicletas brancas para o transporte público na cidade, um projeto visionário para a época. Os Provos pediam à prefeitura a compra de 20 mil bicicletas ao ano e estimulavam as pessoas a pintarem as próprias bicicletas, a fim de identificá-las como parte do sistema. Estabeleciam também que os meios públicos de transporte teriam de funcionar com motores elétricos e que os carros só deveriam ser admitidos em áreas pouco habitadas. Como explica Matteo Guarnaccia (2001, p.74):

Nos anos 1960, lutar contra o automóvel era algo inédito, uma blasfêmia contra "as maravilhas do progresso". Em pleno boom automobilístico, a tribo da Spui tem a clarividência de recusar o culto às quatro rodas e de propor a bicicleta como santo instrumento tribal.

O Plano das Bicicletas Brancas teve forte influência na implementação de sistemas de bicicletas de uso público em várias cidades atuais e representava bem o sentimento dos Provos em relação ao tráfego de automóveis:

11. Num momento de total provocação aos policiais, chegaram a apresentá-los como atores de um happening intitulado "O Teatro da Polícia de Amsterdam apresenta Holland Happening, espetáculo em quatro atos com cassetetes, sabres e cachorros". Os encontros na Spui chegaram a ser proibidos, o que só aumentou o público. Além de choques constantes com os agentes do governo, os Provos criaram confusão até mesmo no casamento da rainha Juliana de Orange.

12. A cor branca tornou-se a cor oficial dos Provos simplesmente porque suas ações aconteciam durante a noite, e, portanto, o branco os deixava mais visíveis.

O que eles fizeram aos músicos ambulantes? Aos tocadores de acordeão? Aos malabaristas? Aos palhaços? Aos músicos? Aos que desenhavam imagens sacras nas calçadas? Foram enxotados e perseguidos, em nome do deus pagão do Trânsito. (Simon Vinkenoog citado por Guarnaccia, 2001, p.65)

Contra os acidentes de trânsito, os Provos sugeriram até mesmo o Plano Cadáver Branco, em que o “motorista assassino”, além de oferecer um funeral à vítima de trânsito, deveria marcar no asfalto o perfil do corpo deixado pelo acidente com um formão e argamassa e “desse modo, talvez todos os outros aspirantes a assassino tirarão o pé do acelerador por um instante, ao se aproximar do funesto local” (Provo nº13, citado por Guarnaccia, 2001, p.85)

É interessante notar que um dos primeiros bairros da Europa a ter suas ruas asfaltadas, no final do século XIX, foi o Jordaan, onde vários Provos moraram. A pavimentação tinha como objetivo evitar o uso dos paralelepípedos para erguer barricadas durante manifestações. (GUARNACCIA, 2001, p.21)

O movimento Provo se desfez em 1966 mas deixou como legado, com o apoio da prefeitura de Amsterdam, mais de 150 centros de cultura e socialização para os jovens da cidade. Entre eles os mais famosos são o Fantasio e Paradiso, que foram transformados em zona franca, locais onde o consumo de maconha era liberado.

Um movimento contemporâneo que também se destaca pela posição contrária ao trânsito de automóveis em favor da bicicleta é o Critical Mass, conhecido no Brasil e em Portugal pelo nome de Bicicletada ou Massa Crítica (BICICLETADA, 2010). O Critical Mass surgiu em 1992 em São Francisco, Estados Unidos, visando promover a bicicleta como meio de transporte pessoal no ambiente urbano (CRITICAL MASS, 1998a).

O nome foi inspirado em um documentário mostrando que, em locais da China onde não havia semáforos ou sinalizações, os ciclistas só ficavam aptos a atravessar um cruzamento quando uma quantidade suficiente deles se juntavam até se formar uma “massa crítica”¹³.

Atualmente, o Critical Mass acontece, geralmente, toda última sexta-feira do mês em várias cidades ao redor do mundo, não apresentando uma liderança específica e com o intuito de ser uma celebração para defender os direitos dos pedestres e ciclistas em meio ao tráfego de automóveis (CRITICAL MASS, 1998b).

Outro tipo de manifestação cultural que mantém vivo o espírito Provo de retomada de espaços públicos e no posicionamento anti-automóvel, o Reclaim the Streets (“retome as ruas”) apareceu em Londres em 1991 como um movimento contra a construção de estradas. Encontra-se ativo até hoje em cidades da Europa, África e América do Norte.

O Reclaim the Streets se posiciona “pela caminhada, ciclismo e transportes públicos baratos, ou grátis, e contra carros, estradas e o sistema que os promove.”¹⁴ Tomando os princípios do faça-você-mesmo, os participantes do RTS fecham estradas e ruas para promover festas públicas, visando retomar o espaço destinado aos automóveis e devolvê-lo às pessoas (RECLAIM THE STREETS, 1997).

13. O termo foi cunhado por George Bliss no documentário de Ted White “Return of the Scorcher”, de 1992.

14. “FOR walking, cycling and cheap, or free, public transport, and AGAINST cars, roads and the system that pushes them.” (The Evolution of Reclaim the Streets. Disponível em: < rts.gn.apc.org/evol.htm > . Acesso em: 31 mar. 2012)

Mesmo sofrendo reclamações quanto à obstrução total da passagem dos carros, os participantes argumentam que, na verdade, a obstrução é causada pelo próprio tráfego, e não o contrário. As festas promovidas não têm duração determinada e promovem vários tipos de performances artísticas, comida e música, com alguns eventos apresentando até 7 mil pessoas. (WALL, 1999, p.63)

Como o acontecimento geralmente não apresenta nenhuma organização central e nem sempre a polícia consegue se impor aos participantes das festas, acabam surgindo situações semelhantes às zonas autônomas temporárias previstas por Bey. É desnecessário dizer que, tanto o Critical Mass quanto o Reclaim the Streets dependem somente da organização autônoma e voluntária de seus participantes, transformando suas relações com o espaço urbano em que vivem.

Integrante do COBRA (ver nota 3), dos Provos e expulso da Internacional Situacionista (ver nota 6), Constant Nieuwenhuis trabalhou por mais de 15 anos em seu projeto mais importante, a cidade Nova Babilônia. Sua inspiração para o projeto teve como base a ideia da implantação de sistemas de paredes móveis sob o mesmo teto que desenvolvera para um acampamento cigano nos anos 50.

Constant tinha uma proposta diferente da ideia de cidades verdes adotada por arquitetos modernistas, em que arranha-céus espacialmente espalhados são cercados por áreas verdes. Para ele, esse isolamento entre os edifícios também provocava o afastamento das pessoas e dificultava suas interações.

Ele propunha, então, uma cidade coberta elevada do solo, contendo tanto habitações como áreas públicas em uma mesma estrutura. Por ser construída com materiais leves posicionados sobre pilares, Constant (1959, p.116) calculava que:

Numa cidade desse tipo, a superfície construída será de 100% e a superfície livre de 200% (o chão e os terraços), ao passo que nas cidades tradicionais esses valores são na ordem de 80% e 20% e, na cidade verde, essa relação pode, no máximo, ser invertida.

O terraço da estrutura poderia apresentar quadras de esporte, aeroportos, heliportos e vegetação. Já a área deixada livre abaixo da cidade seria destinada ao trânsito de veículos e reuniões públicas. Os andares internos à construção seriam divididos em vários espaços intercomunicantes que ofereceriam sensações diversas e a possibilidade de deriva a seus habitantes, podendo ser alterados *“com a ajuda de dispositivos técnicos, por equipes de criadores especializados, que serão situacionistas profissionais.”* (CONSTANT, 1959/2003, p.117)

Segundo Constant, essa nova noção sobre o modo de habitar surgiria da necessidade de novos lazeres e novos tipos de comportamentos, causada pelo aumento do tempo livre na vida das pessoas devido à crescente automatização do trabalho. Tendo como base as ideias do Urbanismo Unitário, Constant definia a Nova Babilônia como um projeto *“exequível do ponto de vista técnico, desejável do ponto de vista humano, indispensável do ponto de vista social.”* (CONSTANT, 1959/2003, p.117)

Apesar de também não terem se concretizado, os projetos do grupo Archigram ainda servem como inspiração para arquitetos e urbanistas atuais. Surgido em Londres em 1961 como uma publicação cujo nome resulta da junção das palavras “architecture” e “telegram”; o grupo era formado por estudantes de arquitetura e urbanismo influenciados pela cultura pop e pela estética de histórias em quadrinho (SILVA, 2004).

Para a divulgação de seus projetos, o Archigram utilizava montagens de desenhos técnicos e artísticos, fotos e textos, além de promover instalações e happenings durante exposições, quebrando os modos mais formais de representação de um projeto.

Concebida em 1964, a Walking City (ARCHIGRAM, 2008a), um dos projetos mais conhecidos do grupo, previa a existência de cidades andantes, sem fundações, formadas por imensas cápsulas fechadas que andariam sobre a terra e a água por meio de estruturas semelhantes às patas de insetos. Esse tipo de arquitetura seria nômade e poderia se instalar em qualquer local.

Em 1969, lançaram o projeto Instant City (ARCHIGRAM, 2008b), que pretendia levar a cultura das grandes metrópoles às pequenas cidades. Os equipamentos necessários para a sua implantação, tais como sistemas de projeção audiovisuais, estruturas pneumáticas, exposições e centros de entretenimento seriam carregados até o local utilizando caminhões, aeronaves e balões.

Em outro projeto, o Archigram levou a proposta situacionista de construção dos ambientes pelos próprios usuários ao extremo. Através da pergunta crítica *“Por que os coelhos não cavam tocas retangulares? Por que os homens antigos não faziam cavernas retangulares?”*¹⁵ o projeto Spray Plastic House propunha a construção de unidades habitacionais através da escavação de blocos de poliestireno por seus habitantes.

Fundindo características da Nova Babilônia de Constant e dos projetos do Archigram, o festival Burning Man exemplifica muitas ideias dos grupos descritos anteriormente. O evento evoluiu de um encontro entre poucas pessoas em uma praia de São Francisco em 1986 para um festival com mais de 40 mil pessoas no deserto Black Rock, no estado de Nevada, Estados Unidos.

O nome Burning Man explica-se pelo fato de, na última noite do evento, uma escultura em forma de homem ser queimada como ritual. O festival acontece anualmente durante 7 dias, nos quais a organização do evento fornece apenas estruturas básicas como banheiros e serviços de emergência, ficando a cargo do participante garantir comida, água e um abrigo para se proteger do sol, chuvas e tempestades de areia.

O Burning Man estimula ao máximo a participação ativa e a autossuficiência das pessoas, estabelecendo regras mínimas para a segurança e liberando qualquer modo de expressão pessoal, seja ela representada pelo nudismo, todo o tipo de arte ou pela relação com os vizinhos de acampamento.

A “cidade” onde o evento ocorre é integralmente formada pelos abrigos montados pelos próprios participantes, um ambiente propício para a aplicação das ideias da Internacional Situacionista e para o surgimento de várias zonas autônomas temporárias simultâneas. Como pode ser instalado em qualquer lugar, o festi-

15. “Why don’t rabbits burrow rectangular burrows? Why didn’t early man make rectangular caves?” (Spray Plastic House) Disponível em: <archigram.net/projects_pages/sprayplastichouse.html>. Acesso em: 31 mar. 2012)

val Burning Man também se assemelha às propostas da Walking City e Instant City idealizadas pelo Archigram.

Como pode-se perceber, vários grupos citados procuraram mudar suas relações com o espaço construído das cidades. Podendo essa relação tomar forma como uma deriva, um happening numa praça ou uma barraca no meio do deserto, é inegável a atuação das pessoas na dinâmica da construção do ambiente urbano e arquitetônico. Se a arquitetura e o urbanismo sempre tiveram a prática recorrente de considerar seus usuários apenas como uma das muitas variáveis passíveis de um projeto, os grupos aqui analisados mostram que isso não deve ser assim.

Espaços rígidos, incapazes de serem adaptados a novos tempos e usos, que limitam e não oferecem escape às ideias e concepções de seus planejadores, já surgem condenados a ser abandonados com o passar do tempo. Desse modo, as vanguardas e grupos aqui analisados representam a linha de frente de um exército cultural e social que tem por principal foco de aniquilamento a mentalidade e modo de produção do arquiteto ou urbanista que tenta impor um ponto de vista único e, muitas vezes, pessoal, sobre os usuários.

O papel dos planejadores de hoje não é apenas desvincular a concepção de cidades ou edifícios de seu uso, ou a relação desse uso com sua forma. Os espaços, sejam arquitetônicos ou urbanos, devem se transformar ao longo do tempo, assim como seus usuários, devendo apresentar o maior potencial de apropriações e transformações possíveis para que não atinjam uma obsolescência irrecuperável. A preocupação dos arquitetos e urbanistas deve ser, então, a de proporcionar aos habitantes desses espaços possibilidades variadas de utilização e a criação de novas ambiências e relações espaciais. Permite-se, assim, que o espectador torne-se ele próprio espetáculo, seja através de uma situação construída, uma zona autônoma temporária ou outro tipo de apropriação cuja nomenclatura não interessa mais que a própria ação criadora e criativa.

O traçado de uma cidade, suas ruas, muralhas e bairros representam sinais de um estranho condicionamento. Que sinal se pode aí reconhecer que seja nosso? Algumas pichações, palavras de protesto ou gestos proibidos, rabiscados apressadamente, cujo interesse só convence os eruditos se estiverem nos muros de Pompéia, numa cidade fóssil. Mas as cidades de hoje estão ainda mais fossilizadas. (VANEIGEM, 1961/2003, p.155)

Referências

ALBERTS, A. et al. Primeira proclamação da seção holandesa da Internacional Situacionista. IS nº3, dez. 1959. In: **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. JACQUES, Paola Berenstein(org.). Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 109-111.

ARCHIGRAM. **Walking City**. Londres, 2008a. Disponível em: <http://www.archigram.net/projects_pages/walking_city.html>. Acesso em: 31 mar. 2012.

_____. **Instant City**. Londres, 2008b. Disponível em: <http://www.archigram.net/projects_pages/instant_city.html>. Acesso em: 31 mar. 2012.

BEY, Hakim. **TAZ**: zona autônoma temporária. São Paulo: Conrad, 2001.

BICICLETADA. **O que é a bicicletada?**. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://bicicletada.org/O+que+e>>. Acesso em: 31 mar. 2012.

CONSTANT. Outra cidade para outra vida. IS nº3, dez. 1959. In: **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. JACQUES, Paola Berenstein(org.). Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 114-117.

CRITICAL MASS. **The Origin of Critical Mass**. 1998a. Disponível em: <<http://critical-mass.info/origin.html>>. Acesso em: 31 mar. 2012.

_____. **How to Start a Critical Mass Ride**. 1998b. Disponível em: <<http://critical-mass.info/howto>>. Acesso em: 31 mar. 2012.

DEBORD, Guy. Relatório sobre a construção de situações e sobre as condições de organização e de ação da tendência situacionista internacional. Texto de fundação da Internacional Situacionista, Cosio d'Arroscia, jul. 1957. In: **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. JACQUES, Paola Berenstein(org.). Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 43-59.

_____. Teoria da Deriva. IS nº2, dez. 1958. In: **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. JACQUES, Paola Berenstein(org.). Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 87-91.

_____. Posições situacionistas a respeito do trânsito. IS nº3, dez. 1959. In: **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. JACQUES, Paola Berenstein(org.). Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 87-91.

GUARNACCIA, Matteo. **Provos**: Amsterdam e o nascimento da contracultura. São Paulo: Conrad, 2001.

HOME, Stewart. **Assalto à cultura**: utopia, subversão, guerrilha na (anti) arte do século XX. São Paulo: Conrad, 1999.

IMPROVEEVERYWHERE. **Frozen Grand Central**. Nova York, 2008. Disponível em: <<http://improveeverywhere.com/2008/01/31/frozen-grand-central/>>. Acesso em: 31 mar. 2012.

JACQUES, Paola Berenstein (org.). **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

INTERNACIONAL LETRISTA. Plan for rational improvements to the city of Paris. **Potlatch nº23**, 1955. Disponível em: <notbored.org/improvements.html>. Acesso em: 31 mar. 2012.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. Definições. IS nº1, jun. 1958. In: **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. JACQUES, Paola Berenstein(org.). Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 65-66.

_____. O Urbanismo Unitário no fim dos anos 1950. IS nº3, dez. 1959. In: **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. JACQUES, Paola Berenstein(org.). Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 100-105.

IVAIN, Gilles. Formulário para um novo urbanismo. IS nº1, jun. 1958. In: **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. JACQUES, Paola Berenstein(org.). Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 67-71.

KHATIB, Abdelhafid. Esboço de descrição psicogeográfica do Les Halles de Paris. IS nº2, dez. 1958. In: **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. JACQUES, Paola Berenstein(org.). Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 79-84.

RECLAIMTHE STREETS. **The Evolution of Reclaim the Streets**. 1997. Disponível em: <<http://rts.gn.apc.org/evol.htm>>. Acesso em: 31 mar. 2012.

SILVA, Marcos Solon Kretli da. **Redescobrimo a arquitetura do Archigram**. 2004. Disponível em: <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.048/585>>. Acesso em: 31 mar. 2012.

VANEIGEM, Raoul. Comentários contra o urbanismo. IS nº6, ago. 1961. In: **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. JACQUES, Paola Berenstein(org.). Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 153-158.

WALL, Derek. **Earth First! and the anti-roads movement**: radical environmentalism and comparative social movements. Nova York: Routledge, 1999.